

## DESAFIOS AO DOCENTE UNIVERSITÁRIO FRENTE À FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Camile Gasparini\*  
Regiano Bregalda\*\*

**Resumo:** O presente artigo visa problematizar os desafios de formação profissional na sociedade contemporânea pelos quais a docência universitária tem se deparado. Esse campo instigante é repleto de mudanças e questionamentos. A educação aparenta ter perdido seu sentido de formação humana para os pressupostos neoliberais: formação voltada para o trabalho, incentivo ao consumo, competitividade e conhecimento para o lucro. E por isso, faz-se tão necessário o diálogo sobre tais mudanças que influenciam a formação no ensino superior.

**Palavras-chave:** docência universitária, formação profissional, desafios.

O cenário global, no qual a educação está perpassada, encontra-se no cerne de um sistema neoliberal, mercantilista e tecnicista. Repensar a função docente nessa realidade é levar em conta que o professor está permeado por essa influência cultural e ideológica, e que muitas vezes, faz do espaço educacional uma legitimação desse modo de viver. Porém, a universidade necessita ser o espaço onde se potencializa o pensar diferente, buscando o novo e fomentando o pensar crítico e reflexivo. Dessa forma, buscamos questionar nesse texto: quais os desafios à docência universitária frente aos princípios neoliberais que têm influenciado a formação na educação superior na sociedade contemporânea?

Objetivamos problematizar a formação profissional na sociedade contemporânea, que tem sofrido grandes influências do modelo neoliberal; a relação da educação superior com o mercado de trabalho, que insere a formação na lógica do capital humano e seus fundamentos de instrumentalização e produtividade; e ainda, a reflexão sobre os desafios do docente universitário diante do citado contexto. Somos sabedores da função primordial do trabalho docente perante o cenário educacional vivido. É na contextura da educação superior que o conhecimento se revela fator preponderante, pois questiona o acúmulo de informações que surgem diariamente na sociedade, estimula o avanço da ciência e do saber científico, bem como, discute o desenvolvimento das tecnologias que nos afetam rapidamente. Por isso, apresentaremos a seguir uma análise da sociedade em que vivemos e como a formação profissional tem sido objeto dos preceitos neoliberais.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (Bolsista Capes), na linha de pesquisa em Políticas Educacionais. Especialista em Orientação Educacional e Licenciada em Pedagogia (UPF). E-mail: camilegasparini@hotmail.com

\*\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (Bolsista Capes), na linha de pesquisa em Fundamentos da Educação. Graduado em Teologia (ITEPA) e Licenciado em Filosofia (UPF). E-mail: regiano\_bregalda@hotmail.com

## **A formação profissional na sociedade contemporânea**

A sociedade contemporânea tem sofrido fortes consequências sob a organização do sistema capitalista e dos ideais do neoliberalismo. As políticas do Estado são intensamente influenciadas por esse modelo, que visa organizar a economia e inserir a educação na lógica do capital: ambicionando a obtenção de lucro, garantindo a hegemonia da classe burguesa e terceirizando as políticas públicas educacionais para o setor privado, por meio do discurso de que a formação está sendo “ofertada” e “garantida” para todos.

Ao nos depararmos com as imposições científicas e tecnológicas requeridas por essa sociedade, torna-se evidente a oferta de formações práticas, onde as competências fundamentais da profissão tendem a ser mais eficazes do que o fortalecimento dos processos de reflexão. Entretanto, esse condicionamento irrefletido do indivíduo em relação a sua formação, manifesta a negação de sua potencialidade humana, decorrente da insuficiência de sua ação-reflexão. Logo, a oferta de educação tecnicista tende a resultar na carência do ser humano em refletir sobre si, sobre os outros e sobre o contexto que o cerca, num processo de conhecimento e conscientização.

Como consequência dessas relações de trabalho, a formação profissional tecnicista é priorizada ao invés da formação humana e reflexiva, visando suprir as necessidades emergentes do mercado global. Esse, por sua vez, exige dos sujeitos um maior nível de capacitação em relação à empregabilidade, visto que no olhar da sociedade do conhecimento o desemprego é fenômeno inevitável e consequência da falta de preparo. Fomenta-se dessa maneira, a supervalorização das áreas técnico-científicas em detrimento às áreas humanas e sociais.

O referido contexto apresenta o prevaletimento do desenvolvimento de competências sobre a formação do conhecimento, gerando a diminuição da reflexão sobre o próprio pensamento e sobre os valores que norteiam a vida do cidadão. A racionalidade instrumental reforça, de forma errônea, a procedência no “saber fazer”, já que as exigências do mercado econômico se sobrepõem à formação humana, crítica, reflexiva e social. Diante do cenário educacional, Dalbosco (2014) analisa o conhecimento e o saber técnico, diferenciando-os em seus conceitos, já que o primeiro é estabelecido na investigação, na criticidade e no pensamento autônomo com construção própria do conhecimento, em um olhar crítico e reflexivo, enquanto o segundo é adquirido através de experiências com pouca fundamentação e com uma postura receptiva, de aceitação de conteúdos e redução da formação profissional.

Contudo, o entendimento de formação sustentada aqui é apontado no sentido de promover o desenvolvimento humano em sua dimensão individual e coletiva, para que o processo de investigação e reflexão na formação do profissional lhe possibilite perceber-se como sujeito integrante e atuante em seu contexto real, no mundo em que vive. É através dessa perspectiva que analisaremos, em seguida, as influências desse modelo neoliberal na educação superior vigente.

### **A educação superior sob a perspectiva neoliberal**

O atual discurso dos documentos de organismos internacionais, apoiados por documentos brasileiros, apresentam a necessidade de formar profissionais competentes, atualizados, capazes de resolver os conflitos do cotidiano, que venham a suprir as necessidades emergentes do mercado de trabalho e como agentes da ciência e tecnologia, produzam conhecimentos através da inovação, colaborando com a economia. Ainda, pertencente a essa realidade, encontra-se também a Universidade. Essa, por sua vez, está atrelada à relação prejuízo-benefício na educação superior, dentro de um cenário neocapitalista, local e global (LONGHI, 2008).

Sob essas influências do pensamento neoliberal na expansão do sistema educativo, sabe-se que há uma imposição da mercantilização sobre a educação brasileira, algo que atinge também a educação de nível superior que, por muitas vezes, resulta no enfraquecimento da identidade da Universidade. É notória a preocupação em preparar indivíduos cada vez mais habilidosos, aptos e experientes que possam se adaptar rapidamente em situações-conflito de ordem concreta. Reduzindo assim, a formação em técnica e especialização de saberes. Na lógica dessa formação influenciada pelo mercado, os objetivos de formação e de qualidade são modificados de acordo com a finalidade que a sociedade lhe confere. Para tal, as instituições de ensino são impulsionadas à adequação de modelo dessa economia:

Os cursos superiores, em sua maioria, pressionados desde fora pelos segmentos de trabalho, por consumidores, por organizações multilaterais e pelos governos nacionais e seus operadores, sobretudo por meio das avaliações de diferentes formatos, fazem de tudo para ajustar os currículos, a gestão acadêmica e a formação de professores e de alunos aos imperativos dos setores produtivos. Um aspecto a ressaltar é a exigência, em muitas áreas profissionais, de competências e habilidades relacionadas ao trabalho, que incluem não só a capacidade de promover o conhecimento nas mais diferentes possíveis fontes como também de aprender em novas situações (DIAS SOBRINHO, 2014, p. 343-344).

A essa perspectiva atribui-se à Educação o desígnio de potencializar o crescimento econômico através do desenvolvimento de conhecimentos e saberes destinados à qualificação técnica do cidadão, onde o desafio encontra-se em formar um indivíduo que apresente seu melhor desempenho produtivo em meio a um mercado competitivo e restrito. Ainda, na racionalidade meritocrata, há o problema do discurso da quantidade. Ao mesmo tempo que se questiona a qualidade do serviço educacional oferecido, se revela uma contradição entre os dois pensamentos. Contradição esta que está também estabelecida nos instrumentos de avaliação da Educação, inspirados em práticas de produção empresarial, que possam garantir uma seleção eficiente (GENTILI, 1998). Assim, o vínculo entre economia global do mercado e educação superior faz com que o valor econômico do conhecimento seja caracterizado pelo seu sentido instrumental e utilitário (DALBOSCO, 2014). Dessa forma, o conhecimento é reduzido ao saber técnico, já que a educação voltada para o lucro mostra, visivelmente, a valorização da especialidade técnica em primazia à formação integral.

Nesse sentido, se a Universidade renuncia a reflexão e análise de suas práticas, ela passa a ser caracterizada como mais uma prestadora de serviços, e dessa maneira, destina-se a não ser valorizada como um espaço de formação integral, resumindo-se ao simples papel de formação profissional e preparo para o mercado competitivo e excludente (LONGHI, 2005).

Em suma, as condições atuais de produção e aplicação do conhecimento representam, na dimensão da educação superior, a realização de projetos como parcerias entre mercado e educação, que visam relacionar a produtividade de alunos e docentes com o progresso econômico brasileiro no contexto internacional (SILVA e BERALDO, 2008). Por isso, há prioridade na formação de áreas de conhecimento técnico em detrimento a outras. Nessa perspectiva, analisar-se-á o paradigma da formação profissional entre a instrumentalização e a reflexão.

### **Formação profissional: da técnica instrumentalizada ao pensamento crítico-reflexivo**

Quando se trata de educação universitária e dos desafios almejados ao professor universitário torna-se importante refletir a formação docente no ensino superior. Por conseguinte, olhando para esses traços acima expostos, faz jus indagar qual o papel da universidade no contexto atual e que formação o ensino superior deveria proporcionar ao indivíduo da sociedade contemporânea. Mesmo sendo questionamentos que não visam aqui concluir ou resolver a complexidade educacional, tem-se ciência que estes podem nos apontar indicativos para análise do cenário.

Ao resgatar a história do ensino superior, é possível extrair alguns conceitos que ajudam a esclarecer as perspectivas do ensino. Aliás, não há porque existir educação superior se não houver claro um percurso onde pretende chegar. Para destacar a particularidade deste segmento, retomamos Charlot e Silva, que buscam reler a história da universidade e destacar algumas características fundamentais, como sendo um “lugar de encontro entre tradição e inovação, de confronto entre saber e demanda social, de legitimação e de pesquisa, a universidade, por natureza, é também lugar de dúvida, de contestação, de tensões, de contradições e, às vezes, de crises” (2010, p. 40).

Essa problemática na universidade se deve, de maneira geral, ao crescente avanço tecnológico, que “coloca o cidadão comum diante de diversas formas de acesso à informação fora dos muros da instituição” (CÂNDIDO et al., 2014, p. 357). Mesmo não se compreendendo o exposto como fator prejudicial, é notório que o uso da tecnologia na sociedade contemporânea tornou-se um aglomerado de ideias, nas quais sua finalidade deixou de ser o compartilhamento de conhecimento e passou a difundir saberes momentâneos, pertinentes ou não. Para tal, Pimenta e Anastasiou caracterizam o ensino na universidade como um processo de busca e de construção crítica e científica do conhecimento:

[...] se entendemos que conhecer não se reduz a se informar, que não basta expor-se aos meios de informação para adquiri-las, senão que é preciso operar com as informações para, com base nelas, chegar ao conhecimento, então nos parece que a universidade (e os professores) têm um grande trabalho a realizar, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos (2014, p.102).

Se a universidade carrega esse horizonte de ser um espaço de “não enquadramento” num determinado sistema social, faz-se importante dizer que no atual momento e em muitos espaços, a mesma contribui para a justificação/legitimação da hegemonia mercantilista. Essa perspectiva não apenas persiste no campo universitário, como também no contexto contemporâneo onde perpassa o todo da vida humana, no qual se vê permeada por uma cultura consumista, imediatista e egocêntrica, fruto de uma cultura social pautada no ter, poder e status. Para pensar a educação, a universidade e a formação profissional, necessariamente torna-se primordial ter consciência deste cenário onde encontram-se emergentes o tecnicismo, a instrumentalização e mercantilização da vida. Não se pode excluir a educação desse contorno, visto que é um âmbito de relações, história e valores.

Somado a isso, pensar a formação profissional nesse mundo globalizado, torna necessária a consideração do que muitos autores denominam de “sociedade do saber”. Tal sociedade, segundo o Banco Mundial, dinamiza-se através de quatro perspectivas: a) capacitar a força de trabalho; b) produzir novo conhecimento; c) possibilitar o acesso ao saber global armazenado e a sua adaptação para um uso local, transmitir normas, valores, atitudes e princípios éticos (CHARLOT; SILVA. 2010, p. 51).

Em síntese, a educação superior sofre nesse contexto uma pressão que é econômica e também cultural, no qual impulsiona três grandes transformações substanciais: a) Internacionalização do ensino superior, através do ensino a distância e, às vezes, sob forma presencial; b) A mercantilização que é cada vez menos considerada um bem público e passa a ser um serviço lucrativo; c) Crescente diferenciação das universidades, com papéis diferentes dos setores público e privado, das instituições de vários tipos e das instituições da capital e das regiões (CHARLOT; SILVA, 2010). Uma pergunta elementar nesse sentido, é como pensar a formação na educação superior de maneira a não se pautar por esse processo de empobrecimento cultural? Aliás, por que pensar a dimensão da formação como um elemento crucial para a transformação social? De antemão, é preciso salientar que a mesma não é o único elemento que pode transformar essa realidade, todavia, mostra-se determinante para a construção de uma nova identidade cultural.

A nosso ver, urge então pensar a formação como aquela capaz de conduzir os profissionais a compreensão do contexto social em que habitam e a capacidade de fazer uma síntese do mundo. Isso porque formar exige conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo que o cerca. Não somos capazes de orientar/formar aquilo que não conhecemos. Nesse sentido, a formação é ampla e complexa,

[...] significa a construção de conhecimentos relacionados a diferentes contextos sociais, culturais, educacionais e profissionais. Formar não é algo pronto, que se completa ou finaliza. Formação é um processo permanente. É interdisciplinar, por articular conhecimentos científicos, éticos, pedagógicos, experienciais (VEIGA, 2014, p. 330).

Em termos educacionais, a criticidade e a reflexão se tornam o veículo determinante para enfrentar e buscar devolver à educação o seu papel essencial, que é promover a vida: o encontro consigo, com o outro e com o mundo. É aquela que busca problematizar a construção de um Bem Viver.

Por isso, é nesse viés que a educação precisa transformar a instrumentalização pela qual a sociedade contemporânea vem sofrendo, especialmente nas últimas décadas. A

formação deve ser entendida como aquela capaz de emancipar os sujeitos e dar-lhe o conhecimento para criar uma nova cultura de vida. Poder-se-ia dizer à docência no ensino superior, o dever pautar-se em três perspectivas:

para la reflexión en la acción (reflexión anticipatoria; formación centrada en el sujeto que aprende y orientada a “aprender a emprender”, a “aprender a cuidar” y a “seguir aprendiendo”, cooperación interuniversitaria como entramado de la “multiuniversidad; etc.); [...] para la diversificación (diversificación de los que aprenden; de la interdisciplinariedad, áreas y disciplinas; de los procesos de enseñanza-aprendizaje; de las instituciones; de las acreditaciones, disciplinas y títulos; de la formación, etc.); y [...] para la flexibilidad (flexibilidad em las estructuras del currículo, en la transferencia de conocimientos, en los sistemas de acreditación, en las formas de financiamiento, en los mecanismos de reforma y cambio, etc.) (LAMARRA, 2014, p. 672).

Portanto, uma educação superior nestes termos, é fruto do que deve ser pensado na completude, já que não é apenas um determinado ponto que faz surgir o novo. A docência como profissão e, não como ação especializada, é a protagonista capaz de refazer saberes, superar diferenças entre conhecimento científico e senso comum, cultura, ciência, educação e trabalho; explorar novas alternativas teóricas e metodológicas; buscar educar para a sensibilidade, criatividade, na dimensão estética, ganhando sentido no exercício da ética (VEIGA, 2014, p.332). É nesse olhar, que se acredita o papel do professor universitário frente a uma nova sociedade.

### **Considerações Finais**

Tendo presente os aspectos citados, surgem algumas questões que instigam a reflexão, como, até que ponto a educação superior consegue ser um espaço reflexivo e humanizador e baseado em que propósitos? Como o docente universitário é amparado nesse espaço e que caminhos de reflexão possibilitam a seus educandos? Essas perguntas servem como impulsos para uma análise crítica e reflexiva que perpassa nossa discussão.

É imprescindível afirmar que o tema da docência universitária se revela desafiador, já que a formação destes profissionais nem sempre foi tratada com todo dever que ela carece. A formação com pressupostos no neoliberalismo, buscou acompanhar, nos últimos tempos, a lógica do mercado e o preestabelecimento de competências profissionais. Conceito que veio substituir os saberes e conhecimentos necessários ao docente. Da necessidade de se formar para desenvolver competências, gerou e permanece gerando inúmeras fragilidades, de tal maneira que sabemos que a vida humana e a formação profissional não se limitam ao

produtivismo acadêmico, ao aperfeiçoamento de técnicas, à avaliação em larga escala, ao treinamento e aprimoramento para o mercado, ao lucro, consumo e valores capitalistas. Percebe-se uma sociedade desgastada pela produção, competição, adoecendo por apostar sua vida no sucesso e no poder, e sem sentido, porquanto sua vida é reduzida à perspectiva da produção desenfreada do capitalismo.

Como desafios principais ao docente universitário, pode-se salientar que lhe é fundamental o domínio de conhecimentos científicos e saberes da prática docente; a busca pelo ensino através da investigação; o trabalho com as diferenças, o novo e em equipe; a criação de estratégias para a aprendizagem; a ressignificação da avaliação como um instrumento de reflexão do processo de ensinagem; a convivência com os educandos e outros docentes, que através da interação trazem consigo uma cultura e saberes da vida cotidiana; e ainda, o desafio de proporcionar a reflexão e a pesquisa em tempos de globalização na sociedade da informação. Entende-se aqui que a formação do docente universitário não se restringe à compreensão da docência concebendo-a como o somatório de aulas ou conhecimento curriculares, “é necessário considerar a subjetividade da pessoa e do profissional docente, inserido no contexto institucional e social” (VEIGA, 2014, p. 330). Mais do que isso, para almejá-la e compreendê-la é preciso ter presente que as grandes questões que abarcam a educação extrapolam o nível pessoal/individual.

Nessa lógica, sabe-se que são as grandes corporações que decidem politicamente sobre a democracia e os rumos do país, e nesse caso, em especial à educação. Ao limitar ou distanciar o cidadão de pensar, dialogar, criticar e reflexionar o espaço em que vive, abre-se caminho para uma despreocupação social e uma despolitização dos sujeitos. Segundo Giroux “a democracia é agora gerida por corporações, por elites que decidem e por fundamentalistas” (2010, p.31).

Assim, diante desse cenário, torna-se imprescindível buscar oportunizar às pessoas a autonomia e liberdade intelectual, a fim de que possam entender e analisar criticamente o mundo ao seu redor e assumir um compromisso social com a sociedade em que vivem. É preciso que a universidade, através de seus docentes e do conhecimento, oportunize esse espaço crítico que auxilia os indivíduos a tornarem-se sujeitos-protagonistas e não meros consumidores, passivos e alienadas ao seu contexto.

Outro desafio interessante e emergente à formação é que se possa constituir no ensino superior um espaço “fundamental e estratégico neste contexto de busca de sustentabilidade para a vida na terra” (RISTOFF, 2008, p. 521). Uma educação superior que não esqueça que a reflexão é essencial para que o ser humano possa viver de forma



equilibrada consigo mesmo – no intuito de cuidar-se de si, com o outro – ao saber que sua existência perpassa o reconhecimento do outro, e da vida como um todo – saber que tudo o que o cerca o faz um ser humano íntegro e coletivo.

Essa dimensão caracteriza ainda o ato educacional, que é reflexionar a vida e possibilitar a todos um Bem Viver. Nas palavras de Giroux, é preciso gerir um processo cujo papel da educação faça em todas as gerações renascer a democracia. E nesse sentido a educação seria a sua “parteira” (2010, p.34). Pensar o ensino superior é hoje buscar fazê-lo no papel de pensar por si mesmo aquilo que é importante para a humanidade avançar na dimensão da vida, do bem viver, da ética, da liberdade e da justiça, e não restrita e limitada às perspectivas do mercado, do poder e das relações de consumo. Portanto, é salutar enfatizar que a universidade deve ser aquela que promove a reflexão, a problematização, a busca de consciência crítica, na construção de um mundo mais justo, humano, igualitário e democrático. Para isso, almeja-se uma universidade que eduque para a vida, que leve ao bem viver, que como já reiteramos, seja parteira da democracia, do pensamento crítico e da ética.

Logo, haja vista esse cenário citado, é possível dizer que a educação muito ainda há de crescer, a começar com uma formação humana e profunda dos docentes, em virtude de serem gestores e impulsionadores do pensamento crítico e reflexivo, do olhar diferente. E que diante de tantos desafios em nossa sociedade, possam conduzir uma realidade em que viver coletivamente e promover conhecimento para todos faça pleno sentido.

### Referências

BERALDO, Tânia Maria Lima; SILVA Maria das Graças Martiris da. Universidade, sociedade do conhecimento, educação: o trabalho docente em questão. IN: BITTAR, Mariluce. OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília da Costa (Coord.) **Educação superior no Brasil: 10 anos pós-LDB**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008, p. 307-326.

CÂNDIDO, Cassia Marques et al. **A representação social do ‘bom professor’ no Ensino Superior**. *Psicologia & Sociedade*, ano 12, v. 26, n. 2, p. 356-365, 2014.

CHARLOT, Bernard; SILVA, Veleida Anahí da. De Abelardo até a classificação de Xangai: as universidades e a formação dos docentes. **Educar**, Curitiba, n.37, p. 25-38, maio/ago. 2010.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Formação e conhecimento: perspectivas filosóficas e sociológicas. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 603-628, nov. 2014.

CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Claudio A. Educação Superior e formação humana: um diálogo com Pedro Goergen. IN: MÜHL, Eldon Henrique; GOMES, Luiz Roberto;

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Teoria crítica, filosofia e educação: homenagem a Pedro L. Goergen**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Maringá: Ed. Universidade Estadual de Maringá, 2014, p. 311-338.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A educação diante da complexidade da sociedade contemporânea**. IN: Formação Humana e Sociedades Plurais. Espaço Pedagógico. Universidade de Passo Fundo, Faculdade de Educação, v. 21, n. 1, p. 11-22, Jan./Jun. 2014.

GENTILI, Pablo A.A. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIROUX, Henry. **Ensino Superior, para quê?** Educar, Curitiba, n. 37, p. 25-38, maio/ago. 2010.

LAMARRA, Norberto Fernández. **Universidad, sociedad y conocimiento: reflexiones para el debate**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 663-687, nov. 2014.

LONGH, Solange M. Universidade e conhecimento: ainda um espaço de reflexão e possibilidades. IN: CASAGRANDA, Edison A.; DALBOSCO, Cláudio A.; MÜHL, Eldon Henrique (orgs). **Filosofia e Pedagogia: aspectos históricos e temáticos**. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 355- 366.

PIMENTA, Selma; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

RISTOFF, Dilvo. Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB: da expansão à democratização. In: BITTAR, M.; OLIVEIRA, J.F.; MOROSINI, M. (Orgs.). **Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB**. Brasília: INEP, 2008, p. 41-50.

DIAS SOBRINHO, José. Educação Superior na sociedade da economia do conhecimento e da informação: novas demandas, novos papéis. IN: MÜHL, Eldon Henrique; GOMES, Luiz Roberto; ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Teoria crítica, filosofia e educação: homenagem a Pedro L. Goergen**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Maringá: Ed. Universidade Estadual de Maringá, 2014, p. 339- 357.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Formação de professores para a Educação Superior e a diversidade da docência. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n.42, p. 327-342, maio/ago.2014.